

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA. (João Pedro Gay) (1815-1891).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Professor colaborador de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo e Professor da Universidade Católica de Campinas.

Sacerdote francês, naturalizado brasileiro, João Pedro Gay nasceu a 20 de novembro de 1815, na comuna de Chateauroux, departamento dos Altos Pirineus. Estudou nos seminários de Embrum e de Gap, ordenando-se a 18 de abril de 1840. Destinado a Montevideo, onde chegou em 1842, logo no ano seguinte vinha para o Brasil, em virtude do sítio daquela praça. Nunca mais deixou o nosso país, vivendo quase sempre no Rio Grande do Sul, como vigário de Alegrete, de São Borja e de Uruguaiana, onde faleceu aos 10 de maio de 1891. Profundo conhecedor da história e da geografia da província que adotou como sua, deixou o Padre Gay numerosa obra, em grande parte inédita, guardada em manuscritos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em sua produção arrolam-se uns apontamentos sobre o Rio Grande do Sul, sobre a ilha de Butuí, sobre as Missões correntinas e brasileiras e sobre a bacia do Uruguai; uma descrição da missão pregada pelos jesuítas Miguel Cabeza e Miguel Lopez; uma memória sobre os primeiros introdutores da civilização e do Cristianismo na Província do Rio Grande do Sul; um pequeno vocabulário da língua dos coroados; um pequeno dicionário francês-guaraní e um histórico sobre a Igreja de São Pedro do Rio Grande do Sul. Seus trabalhos mais importantes, felizmente, foram publicados: a *História da República Jesuítica do Paraguai* (1) e a *Invasão Paraguaia na fronteira do Uruguai* (2). Sobre a primeira, escreveu José Honório Rodrigues:

“As notícias de Southey, São Leopoldo e Martin Moussy não possuem a fôrça e a riqueza da História do Padre Gay. Era a novi-

(1). — In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tom.º 26. 1863.

(2). — Rio de Janeiro. Tipografia de J. Villeneuve, 1867.

dade de uma revelação documental, a autenticidade e legitimidade de suas fontes, a riqueza das informações acumuladas e o sabor da narrativa que haviam de justificar a preferência que desde logo se manifesta. Esgotada a edição em 1865, somente em 1942 veio a obra a ser reeditada. Durante os 79 anos de intervalo ela continuou a merecer a primazia entre os livros sobre a região missioneira. As obras de Evaristo Afonso de Castro e Hemetério José Veloso da Silveira não conseguem passar o nível de relatórios e impressões, secas, áridas, e sem substância histórica. Para mostrar, pelo método comparativo, a força do trabalho do Padre Gay, basta dizer que o próprio livro de Aurélio Pôrto, *História das missões orientais do Uruguai*, não esclarece como aquele, apesar de tôdas as pesquisas novas a que procedeu, mesmo com a consulta à documentação De Angelis, o problema daquela formação tão variada. Aurélio Pôrto trouxe mais detalhes, cuidou de minúcias, mas *les gros des choses* já estava averiguado pelo Padre Gay. A *História da República Jesuítica do Paraguai* é o estudo dos trinta e três povos indígenas catequizados por jesuítas, que constituíam a República Jesuítica do Paraguai, vasta formação abrangendo o território do Rio da Prata, Tucumã, Paraguai e trechos do Brasil (Mato-Grosso, Paraná, e Rio Grande do Sul), e cujo nome provinha de terem os jesuítas primeiro penetrado no território do atual Paraguai. Assim, para relatar as vicissitudes dos Sete Povos, da margem oriental do Uruguai, que desde 1801 pertencia definitivamente ao nosso território, o Cônego Gay partiu do geral para o particular.

Para estudá-los e descrevê-los era preciso não só um vasto conhecimento erudito, mas um vivo saber geográfico, lingüístico e etnográfico. E isto ninguém possuía mais que o Padre Gay, talvez uma das melhores expressões da historiografia local no Brasil. Se o Visconde de São Leopoldo deve ser considerado como um dos maiores historiadores provinciais ou estaduais do Brasil, ao lado de um João Francisco Lisboa, o Padre Gay figura na historiografia local ou regional ao lado de um Joaquim Felício dos Santos, guardadas as distâncias que o manêjo e posse da língua portuguesa haviam de dar ao historiador de Diamantina. Êste o seu papel na historiografia brasileira — um mestre da história regional” (3).

Quando da invasão de São Borja pelas tropas de Estigarribia, o Padre Gay teve sua propriedade saqueada e perdida tôda a sua valiosa biblioteca e coleção de manuscritos. Refez pacientemente quase tudo quanto escrevera, mas seus conhecimentos e sua devoção ao Brasil — lembra, ainda, José Honório Rodrigues — provocaram o ódio paraguaio, razão pela qual julgou prudente retirar-se para Uru-guaiana, onde, como vimos, veio a falecer.

(3). — José Honório Rodrigues, *História e Historiadores do Brasil*, 89-90. São Paulo, 1965.